



A ACULTURAÇÃO DO IMIGRANTE REPRESENTADA EM NARRATIVAS DE JHUMPA LAHIRI, CHIMAMANDA ADICHIE E NOVIOLET BULAWAYO

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1206>

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(shirleysgcarr@gmail.com)

Yasmim Siqueira Bastos²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(yasmimbastos17@gmail.com)

Resumo: A intensa mobilidade humana decorrente da globalização ensejou o surgimento de um tipo de narrativa que tem sido denominada literatura de migração. Produzida por escritores migrantes, essas narrativas giram em torno do trânsito territorial, cultural e identitário e, ainda que não sejam autobiográficas, contêm muito das experiências pessoais dos autores. Tendo em vista que a desterritorialização exige uma posterior reterritorialização e que esta só pode ocorrer mediante a interação do sujeito com o meio social, essas narrativas contêm relatos não apenas da trajetória do migrante e sua resposta ao choque entre culturas, mas também se reporta ao modo como ele se relaciona socialmente e se integra ao país de acolhimento. A proposta deste texto é empreender uma breve reflexão sobre o processo de aculturação de imigrantes em narrativas de Jhumpa Lahiri, Chimamanda Adichie e NoViolet Bulawayo, na perspectiva dos Estudos Culturais e do modelo bidimensional de aculturação proposto por John Berry.

Palavras-chave: Imigrante; Aculturação; Literatura de migração.

THE IMMIGRANT'S ACCULTURATION DEPICTED IN NARRATIVES BY JHUMPA LAHIRI, CHIMAMANDA ADICHIE AND NOVIOLET BULAWAYO

Abstract: The intense human mobility resulting from globalization has given rise to the emergence of a type of narrative that has been called migration literature. Produced by migrant writers, these narratives revolve around territorial, cultural and identity transit and, although they are not autobiographical, they contain much of the authors' personal experiences. Bearing in mind that deterritorialization requires subsequent reterritorialization and that this can only occur through the interaction of the subject with the social environment, these narratives contain reports not only of the migrant's trajectory and his response to the shock between cultures, but also reports to the way he socializes and integrates with the host country. The purpose of this article is to undertake a brief reflection on the process of acculturation of immigrants in narratives by Jhumpa Lahiri, Chimamanda Adichie and NoViolet Bulawayo, from the perspective of Cultural Studies and the two-dimensional model of acculturation proposed by John Berry.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFRJ, com Pós-Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Professora Adjunta do Departamento de Letras da FFP-UERJ. Docente permanente do Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ. Líder do GP CNPq Poéticas da Diversidade. Procientista da UERJ/FAPERJ.

² Graduanda em Letras Português-Inglês pela UERJ. Pesquisadora de Iniciação Científica (PIBIC UERJ- Voluntário). Membro do grupo de pesquisa Poéticas da Diversidade.



Keywords: Immigrant; Acculturation; Migrant literature.

LA ACULTURACIÓN DEL INMIGRANTE REPRESENTADA EN NARRATIVAS DE JHUMPA LAHIRI, CHIMAMANDA ADICHIE Y NOVIOLET BULAWAYO

Resumen: La intensa movilidad humana resultante de la globalización ha dado lugar a la aparición de un tipo de narrativa que se ha llamado literatura sobre migración. Producidas por escritores migrantes, estas narraciones giran alrededor del tránsito territorial, cultural e identitario y, aunque no son autobiográficas, contienen gran parte de las experiencias personales de los autores. Teniendo en cuenta que la desterritorialización requiere una reterritorialización posterior y que esto solo puede ocurrir a través de la interacción del sujeto con el entorno social, estas narraciones contienen informes no solo de la trayectoria del migrante y su respuesta al choque entre culturas, sino también informes sobre la forma cómo se relaciona socialmente y se integra con el país anfitrión. El propósito de este texto es emprender una breve reflexión sobre el proceso de aculturación de inmigrantes en las narrativas de Jhumpa Lahiri, Chimamanda Adichie y NoViolet Bulawayo, desde la perspectiva de los Estudios Culturales y el modelo bidimensional de aculturación propuesto por John Berry.

Palabras clave: Inmigrantes; aculturación; literatura sobre migración.

1. INTRODUÇÃO

O *boom* dos Estudos Culturais trouxe à baila questões que propiciaram novas perspectivas críticas no exame das obras literárias. Embora sua gênese se reporte aos anos de 1950, foi com a fundação do *Center for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham, em 1964, que esses estudos começaram a tomar vulto, focalizando, em particular, “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como, suas relações com a sociedade e mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 1998).

Com o advento da globalização, o interesse cultural no Outro se deslocou para além dos campos de investigação da psicologia, antropologia, linguística e etnografia e abriu espaço para os Estudos Pós-Coloniais, que defendem a reescritura periférica da História e da teoria, bem como uma abordagem alternativa do Ocidente (PRYSTHON, 2010). Os críticos pós-coloniais rompem com as ideias eurocêntricas, lançando o seu olhar aos discursos das margens.

A princípio voltados para as ex-colônias de língua inglesa, os Estudos Pós-coloniais “reinsere[m] o debate da identidade nacional, da representação, da etnicidade, da diferença e da subalternidade no centro da história da cultura mundial contemporânea” (PRYSTHON, 2004, p.36).



As literaturas pós-coloniais emergem, assim, em meio a essas transformações, “buscando afirmar suas diferenças em relação às premissas estabelecidas pelo centro imperial” (BRAGA, 2019, p.31). Entretanto, o intenso fluxo migratório das ex-colônias para a Europa e Estados Unidos concorreu para o surgimento de uma vertente literária que a crítica denominou literatura de migração. Para muitos, a literatura de migração e a literatura pós-colonial são equivalentes; mas há traços distintivos entre os dois conceitos. A literatura pós-colonial refere-se à produção literária dos escritores oriundos de países que foram colônias durante a expansão imperialista, enquanto que a literatura de migração é aquela produzida por escritores que, passando pela experiência de viver em um ou mais países que não a sua terra natal, transferem para suas obras as inquietações do diálogo entre culturas. De acordo com Lehmann,

Essas identidades são geralmente vistas como "dobrados, ou híbridos ou instáveis" (Barry 196) e os protagonistas da literatura migrante são frequentemente retratadas como inseguras de quem são, onde eles pertencem e como conciliar sua localização entre várias culturas e países. (LEHMANN, 2012, p. 283)³

Muito embora vivamos em um momento histórico em que a xenofobia tem tido um vulto surpreendente, ela sempre esteve presente nas nações ocidentais e é mais efetiva em relação a imigrantes de determinados grupos minoritários, frequentemente alvo de visões estereotipadas.

Há um aspecto a ser considerado em relação ao surgimento e cristalização dos estereótipos: eles não se relacionam apenas à dificuldade de o imigrante de aderir à sociedade que o acolhe, mas também ao modo como as comunidades locais reagem à presença do outro. Nos EUA, por exemplo, os critérios de assimilação que abrem o caminho à classe média americana — e que, segundo Salins (1997), têm-se mantido inalterados ao longo dos anos — se apoiam sobre três pilares: o domínio do inglês, a conquista nos estudos e o sucesso econômico. À

³ These identities are generally seen as “doubled, or hybrid, or unstable (Barry 196) and the protagonists of migrant literature are often portrayed as being unsure of who they are, where they belong to and how to reconcile their location between several countries and cultures,



medida que o imigrante não consegue se adequar a esses critérios, é aberta uma brecha para a estereotipia e o preconceito.

Conforme Damasceno,

O argumento a ser apresentado por Bhabha no conceito de mímica é que nem colonizador nem colonizado são independentes um do outro. Através do reconhecimento parcial o estereótipo é minado na sua autoridade por aquilo que sempre lhe “falta” ou está ausente e que deve ser recuperado, no imaginário, através de uma série de discursos pedagógicos (DAMASCENO, 2012, p.49).

Por outro lado, a assimilação nada mais é do que uma versão amenizada de uma das estratégias mais ardilosas do discurso colonial, o “desejo do outro reformado, reconhecível como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 1998, p. 130). Assim, a inclusão por meio da aquisição linguística e do acesso à educação é ilusória, pois não há uma real equiparação, mas a subordinação da diferença à ótica hegemônica. Segundo Bhabha,

a mímica emerge como representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do outro ao visualizar o poder. A mímica também é o signo do inapropriado, porém uma diferença ou recalitrância que ordena a função estratégica dominante do poder colonial, intensifica a vigilância e coloca uma ameaça imanente tanto para os saberes “normalizados” quanto para os poderes disciplinares. (BHABHA, 1998, p.130).

A diferença é disfarçada, tolerada, ocultada sob a aparência de aceitação, desde que não se evidencie e se torne uma ameaça.

Nessa perspectiva, propomos uma breve reflexão sobre como três autoras migrantes — Jhumpa Lahiri, em “Inferno-céu”, Chimamanda Adichie, em “No seu pescoço”, e *Americanah* e NoViolet Bulawayo, em *Precisamos de novos nomes*— abordam o processo de aculturação do imigrante nos Estados Unidos.

2. A ACULTURAÇÃO DO IMIGRANTE EM NARRATIVAS DE JHUMPA LAHIRI, CHIMAMANDA ADICHIE E NOVIOLET BULAWAYO



Como ponto de partida, tomamos por empréstimo a concepção de aculturação proposta pelo psicólogo intercultural John Berry em "Migração, Aculturação e Adaptação", para quem a aculturação ocorre de modo bidimensional, abrangendo não apenas o nível de adesão do imigrante a uma nova cultura, como também a receptividade que obtém desse grupo social majoritário. O processo de adaptação pode ocorrer de formas diferenciadas (BERRY, 1997, p. 7), que variam de uma total assimilação, que afeta a identidade cultural e implica rejeição das próprias raízes, à integração, quando o imigrante é capaz de integrar-se ao novo ambiente sem, no entanto, abdicar dos seus referenciais identitários.

Segundo Berry, o principal modo de aculturação é a integração, pois permite a incorporação de valores culturais da pátria de acolhimento. Essa também é a visão de Stuart Hall, que admite a harmonização de diferentes referenciais culturais sem que haja assimilação ou perda total do passado (HALL, 2002). Esses traços de aculturação concorrem para a formação de uma nova identidade, híbrida e resultante do diálogo entre culturas.

Jhumpa Lahiri descende de uma família de indianos oriundos de Bengala. Seus pais migraram para a Inglaterra, onde a autora nasceu, e, dois anos depois, para os Estados Unidos, onde fixaram residência. O fato de ter sido educada na América desencadeou em Lahiri uma crise identitária que a levou a declarar em uma entrevista que se considerava um ser "traduzido", expressão utilizada por Salman Rushdie (1991) para designar pessoas a quem a experiência da migração confere uma ótica cosmopolita, que está acima do sentido estrito de pertencimento.

A obra de Lahiri, como um todo, encena o trânsito global de pessoas, entretanto, é possível observar que seus primeiros contos, da coletânea *Intérprete de males*, focalizavam uma primeira geração de imigrantes e, portanto, estavam mais centrados no choque cultural e mecanismos de adaptação. No conto que passaremos a examinar, que faz parte da coletânea *Terra descansada*, o enfoque temático perpassa o choque entre gerações de imigrantes e seu relacionamento com a pátria de acolhimento.

Em “Inferno-céu”, encontramos uma gama de personagens que passam pelo processo de aculturação em diferentes graus. O casal de bengaleses Aparna e Shyamal emigra para os Estados Unidos após uma breve estada na Alemanha, onde sua filha Usha nascera. Quando a narrativa começa, guiada pela voz de Usha, esta já é adulta e rememora acontecimentos da sua infância, desde o terceiro ano de sua chegada a Massachussets.

Assim, ela revela ao leitor que o casamento dos pais fora arranjado, devido à necessidade de emigrar com a autorização da família. Nos Estados Unidos, Shyamal se dedicava quase que integralmente ao trabalho, relegando Aparna à solidão em um país em que tudo era novo para ela. Seus únicos momentos de alegria eram as saídas com a filha, quando esta voltava da escola. Em uma dessas saídas, elas encontram um jovem estudante do M.I.T., com quem fazem amizade. Aos poucos, ele passa a ocupar o espaço de um membro da família.

Pranab estava nos Estados Unidos para estudar e no retorno à Índia deveria casar-se com a noiva que os pais lhe tinham designado. No início do conto, Pranab se mostra saudoso da terra natal e encontra eco em Aparna, que é da mesma região na Índia e compartilha o mesmo gosto pela música e cinema.

Segundo Said (2002, p. 186), os imigrantes possuem uma “percepção contrastiva”. Assim, hábitos, atividades ou mesmo o modo de expressar-se inevitavelmente reacendem a memória de outro meio ambiente. Aparna tenta recuperar os vínculos com a Índia por meio do seu relacionamento com Pranab.

Uma das características típicas dos imigrantes de primeira geração é a busca de socialização com pessoas de mesma origem, com quem partilham hábitos e uma memória coletiva, na tentativa de manter viva a memória da terra natal. Essa rede de relacionamentos torna o cruzamento das fronteiras culturais, que, por vezes, é traumático, menos sofrido. Entretanto, e principalmente para os emigrantes de segunda geração, como Usha, que nasceu em outro país, “a rede já não tem mais o caráter primordial de manutenção da tradição, mas o traço distintivo de espaço transitório para o surgimento de identidades híbridas” (CARREIRA, 2012, p.88). Se para Pranab, a família de Usha supriu essa necessidade de ancoragem, o mesmo



não ocorreu com Aparna, que, sem o apoio afetivo do marido, passou a amá-lo, sem, no entanto, ser correspondida. A situação se complica, quando o jovem se apaixona por uma americana, Deborah, e decide casar-se. Aos poucos, Pranab se distancia dos amigos bengaleses e das próprias origens.

No conto, tanto Pranab quanto Usha têm dificuldade para manter a sua herança cultural. Ambos se deixam encantar pelo *modus vivendi* norte-americano e parecem predispostos à assimilação, que, conforme Berry (2004), implica abandono das raízes, recusando-se a aceitar que outros tomem decisões sobre suas vidas. Conforme Carreira sinaliza:

A postura desafiadora de Pranab está em consonância com o comportamento e ambição de muitos imigrantes de primeira geração no mundo contemporâneo. Longe de indicar hesitação quanto a uma definição identitária, ela revela a emergência disruptiva de uma nova autorreferência: aquela que emana do “terceiro espaço” de HomiBhabba (CARREIRA, 2012, p.87).

O primeiro sinal dessa subversão é a decisão de livrar-se da obrigatoriedade de manutenção de crenças e tradições que não são suas, mas de seus ancestrais. Pranab se rebela por meio do casamento, que contraria seus pais a ponto de eles ameaçarem deserdá-lo, e Usha o faz rechaçando o que Aparna considera apropriado, as roupas indianas. Intimamente, ela inveja as filhas de Pranab e Deborah, que só falam inglês, usam roupas contemporâneas e não são obrigadas a ir a Calcutá todos os anos em visita às famílias de seus pais.

É possível observar que, no caso de Usha, o estereótipo encontra eco na visão que ela tem de si mesma, uma “identidade negativa” (CUCHE, 1999)⁴, da qual tenta livrar-se. À medida que cresce, Usha se distancia cada vez mais da mãe:

Eu aprendi a esconder coisas dela, com ajuda dos meus amigos. Eu lhe dizia que estava dormindo na casa de uma amiga, quando, na realidade, ia a festas, bebia cerveja e deixava que os rapazes me beijassem e tocassem meus seios, pressionando suas ereções contra o meu quadril quando estávamos nos apalpando em um sofá

⁴ Segundo Cucho (1999, p.184), a identidade negativa resulta de uma falha de negociação entre o modo como o sujeito se vê (autoidentidade) e como os outros o veem (heteroidentidade).

ou no banco de trás de um carro. Eu comecei a ter pena da minha mãe; à medida que crescia, eu percebia mais e mais a vida desolada que levava. Ela nunca trabalhara e passava o dia assistindo novela para matar o tempo. Sua única ocupação, todos os dias, era limpar e cozinhar para meu pai e eu (...) quando minha mãe reclamava com ele do quanto ela odiava a vida no subúrbio e como se sentia só, ele nada dizia para acalmá-la. “Se está tão infeliz, volte para Calcutá”, dizia, deixando claro que a separação não o afetaria. Eu comecei a fazer o mesmo que ele ao lidar com ela, isolando-a duplamente (LAHIRI, 2008, p. 76, tradução nossa).⁵

Pranab, por sua vez, passa por três fases distintas em sua reconfiguração identitária: em um primeiro momento, reage como um imigrante de primeira geração, buscando reagir ao choque cultural por meio da ligação com a família de Usha, que, naquele momento, servia-lhe de ancoragem; em seguida, quando se apaixona por Deborah, passa a uma fase de quase total assimilação à cultura estadunidense, para, por fim, ter um retorno parcial às raízes, quando se separa de Deborah e passa a relacionar-se com uma indiana que conhecera quando ela ainda estava casada. Nessa última fase, a polarização inferno-céu se desfaz e ele passa a ser mais um imigrante integrado à cultura norte-americana, porém novamente atado à própria tradição, um híbrido cultural.

O apego de Aparna às tradições se dilui com o tempo e, quando o conto se encerra, ela já mostra características de uma hibridez identitária:

Minha mãe e eu também tínhamos entrado em acordo. Ela já aceitava o fato de que eu não era apenas sua filha, mas uma filha da América também (...) depois de anos sem fazer nada, ao chegar aos

⁵ “I began keeping other secrets from her, evading her with the aid of my friends. I told her I was sleeping over at a friend’s when really I went to parties, drinking beer and allowing boys to kiss me and fondle my breasts and press their erections against my hip as we lay groping on a sofa or the backseat of a car. I began to pity my mother; the older I got, the more I saw what a desolate life she led. She had never worked, and during the day she watched soap operas to pass the time. Her only job, every day, was to clean and cook for my father and me (...) when my mother complained to him about how much she hated life in the suburbs and how lonely she felt, he said nothing to placate her. “If you are so unhappy, go back to Calcutta”, he would offer, making it clear that their separation would not affect him one way or the other. I began to take my cues from my father in dealing with her, isolating her doubly”.



cinquenta, ela decidiu ingressar no curso de biblioteconomia de uma universidade próxima (LAHIRI, 2006, p. 81, tradução nossa)⁶.

Na maioria dos contos de Lahiri, a ênfase recai na crise identitária das personagens quanto à herança cultural, pois estes se sentem divididos até que se conscientizam de suas identidades híbridas. São, geralmente, personagens com uma boa situação financeira e a migração se dá por um desejo de complementação de estudos ou por motivos laborais.

Em contrapartida, nos textos de autoras imigrantes de origem africana, a temática desliza para o âmbito da rejeição dos migrantes pelos membros do grupo social majoritário em que estão inseridas. A migração se dá como resultado da busca de realização do sonho americano, o que ocorre, por exemplo, no conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Adichie, e no romance *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo. Entretanto, ao chegar à América, essas personagens sofrem os efeitos de visões estereotipadas, que têm suas bases no racismo e na xenofobia.

Os primeiros estudos sobre imigração nos Estados Unidos partiam de uma visão unidimensional que só previa a aceitação do imigrante mediante um processo de assimilação cultural. Como já vimos, essa visão de tendência hegemônica foi substituída por uma ótica bidimensional (BERRY, 2004) que prevê uma modificação de parte a parte, ensejando uma relação em que ambas as culturas sofrem transformações. Claro que esses estudos são baseados em dados que analisam o processo migratório em um fluxo e, portanto, têm uma característica grupal. Ainda assim, mesmo na ficção, podemos observar como a negociação entre culturas permite a integração, ou não, do sujeito migrante em outra sociedade.

No caso dos negros, em particular, há uma dupla reação da sociedade, pois além das dificuldades decorrentes da condição de imigrante, o indivíduo também sofre os efeitos do racismo. Assim é que tanto Akunna, a protagonista de “No seu pescoço”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, quanto Darling,

⁶ My mother and I had also made peace; she had accepted the fact that I was not only her daughter but a child of America as well(...) after years of being idle, she decided, when she turned fifty, to get a degree in library science at a nearby university” .



protagonista de *Precisamos de novos nomes*, da zimbabuense NoViolet Bulawayo, se defrontam com situações de discriminação idênticas.

Chimamanda Adichie nasceu em Lagos, Nigéria, e emigrou para os Estados Unidos aos 19 anos para cursar Comunicação e Ciência Política na Drexel University, em Philadelphia. Obteve dois títulos de mestre, um pela Universidade Johns Hopkins, em Redação literária, e outro em Estudos Africanos, pela Universidade de Yale. O livro de contos *No seu pescoço* foi sua terceira publicação. Adichie é mundialmente conhecida pelo seu ativismo em prol da dissolução dos estereótipos sobre a África criados pelo imaginário ocidental. A escrita é, para a autora, um ato político.

O conto “No seu pescoço”, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em uma coletânea com o mesmo título, foi publicado nos EUA pela primeira vez em 2002, com o título “*You in America*”, depois de ser indicado para o *Caine Prize for African Writing*. Nele, Adichie narra a história de Akunna, uma nigeriana que emigra para os Estados Unidos após ser sorteada na loteria do *Green Card*, cuja candidatura havia sido feita por um tio que lá vivia.

Assim como seus compatriotas, Akunna tem uma visão idealizada dos Estados Unidos, expressa na passagem a seguir: “Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande” (ADICHIE, 2009, p, 106). A realidade, no entanto, é muito diferente.

O tio, que na realidade é irmão de uma cunhada do pai de Akunna, a recebe em sua casa no Maine, onde ele é um dos poucos negros na comunidade local. A princípio, Akunna se sente acolhida, pois todos na casa falam igbo e a culinária é a mesma do seu país natal. Entretanto, ela logo começa a perceber que terá dificuldades. Matriculada em uma faculdade comunitária, Akunna passa a ser alvo dos comentários dos colegas, que a veem como se fosse um ser exótico:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo.



Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância foi como ele definiu (ADICHIE, 2009, p.107).

O assédio sexual do tio faz com que seja obrigada a fugir sem rumo, indo parar em uma cidade longínqua em Connecticut, onde começa a trabalhar como garçonete. Privada de continuar os estudos, ela passa a ler na biblioteca pública a bibliografia dos cursos que desejava frequentar. Entre o sentimento de frustração de seus próprios sonhos e a vergonha de admitir a derrota, opta por enviar dinheiro à família sem indicar o endereço do remetente.

O choque cultural passa a ser evidente agora que está sem a acolhida de familiares. Tudo à sua volta lhe causa estranheza: os hábitos dos estadunidenses, os trajes e as práticas alimentares, tão diferente das pessoas de sua terra. Seu sentimento é de profunda solidão. Akunna pensa em si mesma como um ser invisível, cuja existência não faz diferença para ninguém.

Apenas o relacionamento com um jovem branco que frequenta o restaurante faz com que a sensação de aperto no pescoço desapareça. Porém percebe a estranheza com que as pessoas reagem ao vê-los juntos:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia (ADICHIE, 2009, p.115-116)

São muitas as incompatibilidades entre ela e o jovem, que é herdeiro de uma família abastada e, talvez por isso, não valoriza coisas que, em sua condição, são preciosas para ela, como os estudos. Intimamente, ela percebe que,

independentemente do que possa vir a conquistar, em solo americano será sempre membro de uma minoria.

O processo de aculturação de Akunna é parcial. Seu esforço para aprender a falar o inglês como um americano, para obter um diploma e conquistar um espaço parece ter sido em vão. Cada vez mais solitária, decide escrever a casa e as notícias que recebe, dando-lhe ciência da morte do pai, são o gatilho para que decida retornar à Nigéria.

Um dos aspectos mais interessantes nesse conto é o modo como ele é narrado: a voz narrativa, que claramente ecoa pensamentos e sentimentos da protagonista, está em segunda pessoa. Esse artifício aponta simultaneamente para uma tensão dialética de proximidade e distanciamento da matéria narrada e um certo fracionamento da identidade. Ao contrário do que ocorre com a personagem de Lahiri, o processo de aculturação não leva à integração, mas à acentuação das diferenças.

Cláudio Braga, pesquisador da obra de Adichie, afirma que, ao conferir mobilidade às suas personagens, a autora “rompe a lógica do estereótipo negativo dominante” (BRAGA, 2019, p. 159). Ao contrário do namorado branco, que, graças ao poder aquisitivo familiar, decide parar de estudar por um tempo, visivelmente no intuito de desagradar os pais, Akunna prova estar longe do estereótipo criado pelo poder hegemônico, pois valoriza a educação e tenta aprimorar seus conhecimentos mesmo em situação adversa.

A visão idealizada que os nigerianos têm dos Estados Unidos “aumenta a expectativa frustrada e a decepção na diáspora” (BRAGA, 2019, p.122), o que é perceptível não apenas na experiência de Akunna, mas também na da protagonista de outra obra de Adichie, *Americanah*. Nesse romance, Ifemelu, a protagonista, não se deixa sucumbir à adversidade. Oriunda de uma família respeitável de Lagos, ela emigra para os Estados Unidos a fim de estudar e reage com firmeza a todas as tentativas de imposição de uma subalternidade correntemente imposta aos negros imigrantes.



O choque cultural é quase que imediato. Ao invés das casas espaçosas que via nos programas da TV, depara com o apartamento simples e desconfortável em que a tia vive. Ao invés do frio pelo qual havia ansiado, vê-se imersa no calor sufocante do verão norte-americano. Tudo o mais concorre para o desfazimento da América idealizada, que se distancia por completo da América real.

O contato de Ifemelu com brancos e negros evidencia um alto grau de discriminação a que ela responde com a criação de um blog, intitulado “Recteenth ou observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) por uma negra não-americana”. Por meio dele, ela discute o apagamento da cultura africana nas comunidades negras, bem como a invisibilidade social da mulher negra.

No romance, os cabelos funcionam como uma espécie de metáfora do grau de americanização. Um exemplo é a imposição de valores ocidentais, que pode ser inferida no fato de que, ao assumir um novo emprego como médica, a tia de Ifemelu decide desfazer suas tranças, explicando que, quando “você está em um país que não é o seu próprio. Você faz o que tem que fazer se você quiser ter sucesso” (ADICHIE, 2013, p. 69).

A carga de exotismo que cerca a mulher negra é também evidenciada no romance. À observação de Ifemelu de que os brancos parecem ter mais interesse nela do que os negros, a irmã do seu namorado afirma que isso se deve à sua “credencial exótica, toda aquela coisa de Africana Autêntica” (ADICHIE, 2013 p. 270).

Nas comunidades negras, ela percebe comportamentos que abomina: o dos imigrantes negros que, apesar de saudosos e nostálgicos, frequentemente retornavam à terra natal levando presentes no intuito de “civilizar” a parentela pelo contato com o *American way of life*; e o dos que ansiavam pela assimilação completa, desejosos de abraçar a cultura do novo país.

A consciência da discriminação é expressa na passagem a seguir:

Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para



os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixonou por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. E não queremos que diga: 'Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal', porque sabe o que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso. Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares de gente liberal e legal como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade. Estou falando porque já vivi isso (ADICHIE, 2013, p. 315).

Ifemelu se revolta diante das incongruências da sociedade estadunidense. No romance, o país está prestes a eleger Barak Obama, mas ainda assim os negros se veem em uma posição de sujeito imposta, que os discrimina e os inferioriza. Independentemente do seu acesso à cultura, que, teoricamente, a coloca em um patamar diferenciado, Ifemelu percebe que o problema não é de onde o negro vem, mas o modo como ele é representado, ou seja, a heteroidentidade, ou seja, “essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade” (DU BOIS, 1999, p. 54). Ao criar o blog, ela tenta subverter os estereótipos raciais, conquistando um lugar de fala, onde pode afirmar a própria identidade.

Esses dois exemplos de protagonistas criadas por Adichie ilustram as agruras enfrentadas por imigrantes negras nos Estados Unidos, que não são muito diferentes daquelas descritas pela autora zimbabuense NoViolet Bulawayo, que, assim como Adichie, migrou para os Estados Unidos para completar seus estudos.

A protagonista de *Precisamos de novos nomes* se migra para os Estados Unidos ainda criança. Boa parte de sua infância foi vivida em uma comunidade miserável, que ironicamente é denominada Paraíso. Sua família, como tantas outras, fora expulsa de casa pelos guerrilheiros e, em meio à fome e à violência, em suas



brincadeiras com os companheiros de folguedos, expressava o seu maior sonho: emigrar para os Estados Unidos, onde vive a Tia Fostalina, que havia prometido buscá-la. Em sua simplicidade e inocência, Darling sonha com a vida na América, em Destroyedmichygen, o modo como ela se referia à cidade de moradia da tia: Detroit, Michigan.

Assim como Akunna, no conto de Adichie, Darling tem uma visão idealizada da América, uma espécie de Eldorado, onde tudo dá certo. A primeira parte do romance se reporta aos anos de infância da protagonista em um país não mencionado, mas que, claramente, pode ser identificado como o Zimbábue. Em várias entrevistas concedidas à época do lançamento do romance, Bulawayo afirmou que o romance foi uma tentativa de retratar o sofrimento e os anseios de seus compatriotas em um país cuja alegria pela independência foi suplantada pelo medo decorrente de uma ditadura. Nesse sentido, o título do romance corresponde a esse desejo de ser um outro, de ter um novo nome, de transformar o presente.

A migração para a pequena Darling é a realização de um sonho que, entretanto, se desfaz rapidamente. A segunda parte do livro relata os efeitos do choque entre culturas. Exposta a um frio a que não estava acostumada e, posteriormente, ao *bullying* constante na escola que passa a frequentar, quando a tia muda de cidade, Darling se vê oprimida pela visão estereotipada que a sociedade americana tem dos povos africanos, expressa no modo como as outras crianças a tratam:

Quando cheguei a Washington, queria morrer. As outras crianças implicavam comigo por causa do meu nome, do meu sotaque, do meu cabelo, do jeito que eu conversava ou dizia coisas, do jeito que eu me vestia, do jeito que eu ria. Quando implicam com você por causa de alguma coisa, primeiro você tenta consertar essa coisa para que as implicâncias parem, mas aquelas crianças malucas implicavam comigo por tudo, até mesmo as coisas que eu não tinha como mudar, e isso continuou acontecendo e continuou acontecendo até que no fim simplesmente tudo parecia errado dentro da minha pele, do meu corpo, das minhas roupas, da minha língua, da minha cabeça (BULAWAYO, 2014, p. 149)



Essa passagem do romance evidencia dois aspectos relevantes na trajetória de Darling: a percepção de uma identidade negativa e o desejo de assimilação. Talvez por sua pouca idade, Darling não está preparada para descobrir a divergência entre sua autoidentidade e aquela que o meio lhe atribui. Como Fostalina está sempre ausente, envolvida com o trabalho, Darling não tem com quem compartilhar seus medos e ansiedades. Percebe que a única solução é ser aceita socialmente, segundo as regras que lhe são impostas.

Estar nos Estados Unidos significa não sentir mais fome e só por isso Darling se submete às humilhações e suporta a saudade dos familiares e amigos. Como todo imigrante, ela deseja retornar a casa, mas, com o passar do tempo, percebe que será impossível. Consola-se pensando em algo que Stina, um dos companheiros de infância, lhe disse um dia: “deixar o seu país é como morrer, e quando você retorna é como um fantasma perdido voltando pra terra, andando por aí com um olhar ausente” (BULAWAYO, 2014, p. 143). A saudade que Darling sente é do Paraíso de sua infância, das brincadeiras de faz de conta que lhe permitiam sonhar, e ela percebe que esse lugar já não existe. A pessoa em que se transformou não se sente pertencente a lugar algum e já não tem para onde retornar.

Quando finalmente descobre que a promessa feita pela tia — de que iria voltar a ver a mãe e os amigos — não poderá se concretizar pelo fato de ser uma imigrante ilegal, Darling percebe que só lhe resta adaptar-se, integrar-se à nova pátria. Canclini (2007, p. 202) nos faz lembrar de que a reterritorialização “engendra novos espaços, que enfraquecem os laços precedentes”. Assim, o contato com a mãe e os amigos se resume a ligações pelo Skype, a realidade é o emprego clandestino e a esperança é obter um diploma que lhe permita sair da zona de invisibilidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve reflexão sobre as narrativas dessas três autoras migrantes mostra diferentes facetas do processo de aculturação do imigrante. Por meio de



personagens que, de certa forma, espelham sua própria experiência, as autoras buscam evidenciar não apenas as circunstâncias que geram o choque cultural, mas também as estratégias utilizadas por essas personagens para reconfigurar, em terra estrangeira, o lugar antropológico. Essa reconfiguração faz parte de um processo pelo qual todo imigrante passa: a aculturação, ou seja, o engajamento em uma negociação entre duas culturas.

Conforme buscamos exemplificar por meio da teoria bidimensional de Berry, para que esse processo se concretize, há posições de parte a parte – do imigrante e da sociedade de acolhimento – que necessitam ser adotadas. Para algumas personagens, entretanto, a aculturação não se completa efetivamente e a única opção é o retorno; para outros o sucesso dessa integração gera uma nova identidade, híbrida, com elementos das duas culturas.

Se o universo ficcional de Lahiri revela um aspecto inusitado da migração indiana para os Estados Unidos, que é a predominância de uma migração de assentamento, cujo objetivo é o sucesso profissional, o de Adichie mostra que a condição do imigrante africano, independentemente do nível social ou cultural que ele tenha, perpassa a luta contra a estereotipia e o racismo; visão esta corroborada pela narrativa de Bulawayo.

Para alguns teóricos, como Huggan (1996), os escritores migrantes retratam indivíduos hifenados, de modo a expurgar as suas identidades divididas. Embora essa perspectiva possa ser contemplada em algumas das narrativas de Lahiri, ousamos dizer que Adichie e Bulawayo emprestam aos seus textos um posicionamento ético e político que ultrapassa a mera representação do processo de aculturação do imigrante, denunciando o comportamento xenofóbico e racista que ainda hoje é detectável na sociedade estadunidense.



Referências

ADICHIE, Chimamanda Gnozi. **No seu pescoço**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. Trad. Lúcia Mucznik, Bertrand Editora, 1994.

BERRY, John W. Migração, Aculturação e Adaptação. In: **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 29-45.

BULAWAYO, Noviolet. **Precisamos de novos nomes**. Trad. Adriana Lisboa. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora da URFJ, 2007.

CARREIRA, Shirley de S. G. A representação da identidade em Hell-Heaven, de Jhumpa Lahiri. **Soletras**, n. 23, p. 81-92, 2012.

DAMASCENO, Gustavo Xavier; Nogueira, João Franklin Abelardo Pontes. **Espectros pós-coloniais em "Cem Anos de Solidão": legado, tempo e solidão**. Rio de Janeiro, 2012. 205 p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mille plateaux: Capitalis meets chizophrénie 2**. Paris: Minuit, 1980.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 9, dezembro 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo: DP&A Editora, 2003.

HUGGAN, Graham. Exoticism and ethnicity in Michael Ondaatje's running in the family. Writing ethnicity. In: SIEMERLING, Winfried (Ed.). **Cross-cultural consciousness in Canadian and Quebecois literature**. Toronto: EWC Press, 1996.



LAHIRI, Jhumpa. **Terra descansada**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 75-101.

LEHMANN, Sonja. Transnational Identities in Michael Ondaatje's Fiction. In: REITEMEIER, Frauke (ed.). **Strangers, Migrants, Exiles**. Negotiating Identity in Literature. Universitätsverlag Göttingen, 2012. p. 281–352.

PRYSTHON, Angela. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. **Revista Interin**, n.9, p.1-25, 2010.

_____. Intersecções da Teoria Crítica Contemporânea: Estudos Culturais, Pós-Colonialismo e Comunicação. **Eco-Pós**, v.7, n.2, ago.-dez. 2004, p.31-44.

SAID, Edward. **Reflexões sobre exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALINS, P. **Assimilation, American style**. Philadelphia and New York: Basic Books, 1997.

WILTZ, Teresa. The writer who began with a hyphen. Jhumpa Lahiri, between two cultures. **Washington Post**. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A59256-2003Oct7?language=printer>. Acesso em: 2011-12-03.

Recebido em: 18/07/2020

Aceito em: 20/08/2020